

O PROCESSO FORMATIVO PRÁTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OBSERVAÇÃO E AÇÃO

¹Priscila Jaciara de Moraes – UERN
²Lília Kênia Galvão da Silva – UERN

RESUMO:

O presente artigo é um relato da experiência realizada em uma escola na cidade de Mossoró/RN, no curso de Pedagogia como parte integrante do componente curricular Estágio Supervisionado I na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. O artigo tem como objetivo esmiuçar os conhecimentos acerca da Educação Infantil e relacioná-los com as práticas pedagógicas, ou seja, fazer uma analogia entre experiências adquiridas em sala de aula e campo de estágio, com a teoria obtida na Universidade através de discussão sobre o assunto. Sua metodologia foi uma pesquisa empírica em uma Unidade de Educação Infantil – UEI, atrelada a leituras e resumos de textos, diálogos e debates em sala. Os documentos utilizados foram o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) e as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001). Sua fundamentação teórica está em Barbosa (2006), explicitando a importância das rotinas na educação Infantil, e Pimenta e Lima (2004), situando a temática Estágio Supervisionado e a relação teoria e prática. Esta experiência contribuiu para a construção da nossa vida profissional. Observamos a prática de outros pedagogos, analisamos as suas ações e tiramos conclusões significativas de que todas as atitudes e ações realmente estão embasadas em teóricos, em estudos e pesquisas que hoje fazem uma grande diferença no ensino. Através da vivência na sala de aula percebemos a necessidade dessa disciplina na formação profissional, pois é uma contribuição que acrescenta conhecimentos, aprofundando e ampliando a diversidade de atuação nesse campo educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio Supervisionado, Aprendizagem, Escola.

INTRODUÇÃO

Esse relato trata de uma descrição de conhecimentos adquiridos no desenvolvimento da disciplina curricular Estágio Supervisionado I, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, tendo como eixo condutor a relação teoria e prática na educação infantil. O estágio desenvolveu-se numa Unidade de Educação Infantil - UEI na cidade de Mossoró/RN, na sala de aula do Infantil II com a colaboração dos professores da Universidade e da UEI.

Compreender as rotinas na educação infantil requer um processo de observação do espaço escolar e de uma familiarização com os alunos, para isso percorremos o caminho da pesquisa através de diálogos, articulando as informações obtidas na UEI, à experiência prática e os autores estudados.

¹Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: priscilajaciara@hotmail.com

² Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Bolsista do Programa de Educação Tutorial PET/CAPEs. E-mail: lilia-kenia@hotmail.com

O objetivo desse artigo é esmiuçar os conhecimentos acerca da Educação Infantil e relacioná-los com as práticas pedagógicas, ou seja, fazer uma analogia entre experiências adquiridas em sala de aula e campo de estágio, com a teoria obtida na Universidade através de discussão sobre o assunto.

As metodologias utilizadas para a realização deste artigo foram uma pesquisa empírica em uma UEI, atrelada a leituras e resumos de textos, diálogos e debates em sala. Os documentos utilizados foram o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) e as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001), sua fundamentação teórica está em Barbosa (2006), explicitando a importância das rotinas na educação Infantil, e Pimenta e Lima (2004), situando a temática Estágio Supervisionado e a relação teoria e prática.

O artigo está estruturado da seguinte forma: observações da estrutura e funcionamento da escola, cotidiano da escola pesquisada em diálogo com o referencial teórico, prática de estágio, processo de aprendizagem, diversidade: inclusão na escola e na sala de aula.

Observações da estrutura e do funcionamento da escola

Na Educação Infantil, a escola deve oferecer um espaço agradável ao desenvolvimento de atividades que estimulem o conhecimento científico, pois a estrutura física adequada é fundamental para esse desenvolvimento. O funcionamento da escola é um dos fatores preponderantes para o acesso e frequência dos alunos na escola. Esse desenvolvimento pleno e harmonioso da escola influi na construção do conhecimento infantil. E a estrutura física, em conjunto com a gestão da escola, torna-se um fator condicional para o sucesso uma da outra. Para Libâneo:

Toda instituição escolar necessita de uma estrutura de organização interna, geralmente prevista no Regimento Escolar ou em legislação específica estadual ou municipal. O termo estrutura tem aqui o sentido de ordenamento e disposição das funções que asseguram o funcionamento de um todo, no caso, a escola (LIBÂNEO, 2004, p. 127).

O funcionamento e a estrutura adequada da escola são formas de organização do trabalho desenvolvido no ambiente escolar. As condições das mesmas refletem na qualidade de ensino da instituição. Isso influencia também de forma direta de atuação dos profissionais, principalmente dos professores que necessitam direcionar o processo ensino-aprendizagem realizando várias tarefas que envolvem a participação dos demais funcionários da escola. Toda a instituição precisa estar bem conservada e organizada para

atender às necessidades físicas e psicológicas dos alunos e, assim, dar acesso à participação dos pais e comunidade na execução das tarefas.

Na Unidade de Educação Infantil, o espaço físico externo é arborizado, cercado por muros e telas para garantir segurança e proteção a funcionários e alunos, com portões de entrada e saída. Em seu interior, existe um corredor de entrada, um salão amplo que serve de refeitório e área de recreação. Há três salas de aula com tamanho adequado para o número de crianças atendidas. Todas as salas têm janelas, ótima iluminação e ventilação. As demais dependências da unidade são compostas por uma sala pequena, onde funciona a diretoria, uma cozinha com despensa, uma área de serviço, dois banheiros para atender as crianças e um para os funcionários. Apesar de sua estrutura física ser adequada para atender aos alunos e funcionários, é necessário enfatizar que atualmente todos os espaços precisam de reparos na infraestrutura, sejam hidráulicos, elétricos ou de manutenção.

Cotidiano da escola pesquisada em diálogo com o referencial teórico

Na educação infantil há uma ênfase em torno das rotinas, parece que são as responsáveis por todos os processos desencadeados na UEI. No período de observação foi analisado que, para tudo, existia um momento determinado. Questionamos e refletimos: por que algumas atividades não poderiam ser realizadas antes e outras depois?

No decorrer da semana, a professora colaboradora apresentou os cronogramas e assuntos a serem explanados, os quais seguiam como uma rotina. Segundo ela, a rotina é algo para nortear as ações. Mas quase sempre era necessário mudar algumas coisas de acordo com a necessidade da turma, como nos dias de aula de linguagens e das brincadeiras com jogos, principalmente por ter uma criança, na turma, com necessidades especiais. Para essa criança em especial, nem todos os brinquedos são adequados, devido a grande quantidade de peças para montagem/desmontagem. As datas comemorativas e festejos da sociedade - que muitas vezes não entram no cronograma no começo do ano - também são responsáveis pela mudança de rotinas.

Segundo as observações a rotina é representada como um meio de organização do trabalho pedagógico, ou melhor, um currículo padrão de onde o planejamento das atividades é elaborado. Para a autora Barbosa:

As rotinas das pedagogias da educação infantil foram vistas, neste trabalho, como um dos elementos integrantes das práticas pedagógicas e didáticas que são previamente pensadas, planejadas e reguladas, com o objetivo de ordenar e operacionalizar o cotidiano da instituição e constituir a subjetividade de

seus integrantes. Tais objetivos estão bem determinados, apesar de nem sempre estarem explícitos (BARBOSA, 2006, p. 39).

Em nossa cidade, Mossoró/RN, a maioria das UEIs segue uma rotina em que há vários momentos para os alunos desenvolverem as atividades sugeridas. Por exemplo, roda de conversa, hora da atividade (no caso são trabalhadas as linguagens), hora do conto, da brincadeira, do lanche, dentre outros. Essas rotinas, segundo a professora colaboradora, são feitas por todos da escola, em virtude de sua importância para o desenvolvimento da criança nessa fase de aquisição das linguagens. A escola pesquisada trabalha com rotinas, pois partem do princípio defendido por Barbosa quando diz que:

Na prática educativa de creche e pré-escolas, está sempre presente uma rotina de trabalho, que pode ter autorias diversas: em alguns casos, são normas ditadas pelo próprio sistema de ensino; outras vezes, pelos técnicos ou burocratas dessas repartições; outras ainda, pelos diretores, supervisores ou professores e demais profissionais da instituição e, em certas escolas, também as próprias crianças são convidadas a participar da elaboração das normas. (BARBOSA, 2006, p. 35).

A rotina nas instituições de Educação Infantil é baseada nas concepções do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Essas orientações são importantes para a educação dos alunos, pois são instruções que estão baseadas em estudos e pesquisas de profissionais dessa área de conhecimento. É através desses estudos e da elaboração desse documento que os professores traçam seus planos e projetos respeitando cada faixa etária dos seus alunos. De acordo com o RCNEI:

A rotina representa, também, a estrutura sobre a qual será organizado o tempo didático, ou seja, o tempo de trabalho educativo realizado com as crianças. A rotina deve envolver os cuidados, as brincadeiras e as situações de aprendizagem orientadas (RCNEI, 1998, p.55).

A elaboração de rotina na educação infantil é algo significativo para as crianças, pois lhes ensina uma sequência lógica de tarefas e ainda desenvolve na mesma uma organização e um senso de responsabilidade. Vale salientar que, nessa fase, as crianças aprendem as coisas de maneira veloz e com isso desenvolvem ao mesmo tempo a capacidade de produzir, criar e reproduzir momentos do dia-a-dia. Para isso, os pedagogos devem atentar para a inovação de tarefas múltiplas, preparando-se para o inesperado como forma de ampliação didática, até mesmo fugindo das rotinas.

Prática de estágio

A ministração das aulas requeridas pelo estágio foram realizadas em uma Unidade de Educação Infantil, na sala de Infantil II com alunos na faixa etária de 5 anos de idade. A turma é composta por 13 alunos, dentre eles há uma criança com Necessidade Educacional Especial.

Fomos recebidas pelos alunos com muita curiosidade e alegria. Todos estavam atentos a cada movimento. A professora colaboradora nos recebeu com muita expectativa, na esperança de que novas ideias iriam surgir para dinamizar as aulas naqueles dias. Com as apresentações todos ficaram felizes. Os alunos mostraram-se muito inquietos para desenvolver as tarefas, pois todos queriam mostrar algo que sabiam fazer ou que tinham feito.

Durante a primeira semana, observamos como a professora desenvolvia as aulas, e ainda analisamos as características da turma: as deficiências e as aptidões em termos de relacionamentos, conteúdos e brincadeiras. A professora colaboradora tinha conhecimento dos conteúdos, mostrando ser organizada e determinada nas atitudes, com domínio da turma, fazendo observações quanto a suas atitudes em relação à turma baseada nos teóricos e planos de aula.

Depois desse período de observação minuciosa, foi feita a realização da regência, dando continuidade aos conteúdos e planejamentos da professora colaboradora. Aproveitamos a oportunidade e executamos na prática todos os conhecimentos adquiridos, pois segundo Pimenta e Lima:

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer “algo” ou “ação”. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, reelaboração dos modelos existentes na prática consagrados como bons (PIMENTA, LIMA, 2004, p. 35).

Durante toda a aula trabalhamos o tema Profissão. Primeiro, recebemos os alunos. Os mesmos fizeram socialização de vários assuntos de brincadeiras e brinquedos, e assim iniciamos o dia com uma roda de conversa. Em seguida, deu-se o momento da contação da história “André o Tratorista”. Esse conto aborda a história de um jovem que trabalhava em uma obra de construção. Essa era a sua profissão. Porém seu veículo precisava de reparos. Então solicitou a ajuda de outro profissional: o mecânico. Naquele momento deu-se início a uma interação conjunta da turma. Todos participaram, envolvendo-se na história. As crianças ficaram atentas para saber o final da história. Ao

lado da UEI havia uma estrada em construção, e isso enriqueceu ainda mais a história, gerando uma série de perguntas.

A aula era expositiva, desenvolvida através de conversas participativas e informais e também através da utilização de materiais didáticos como cartazes diversos. A turma reconhecia as figuras de alguns profissionais, porém outros ainda eram desconhecidos por não serem comum no dia-a-dia das crianças. Abordamos a importância do trabalho na vida das pessoas como uma atividade essencial para o homem. E em seguida explicamos a tarefa para ser realizada na sala de aula.

O objetivo era fazer com que as crianças associassem a profissão com os nomes. Explicamos no quadro de giz, realizando a leitura das letras, do nome e depois a contagem das letras, foi um procedimento bastante interessante para diferenciar as letras dos números, fazendo uma ligação interdisciplinar. Na sequência, a turma se organizou e entregamos as atividades e as fichas com os nomes de cada aluno. Essas fichas eram uma estratégia da professora colaboradora para eles aprenderem seus nomes. Alguns já não usavam a ficha, por já saberem como fazer o próprio nome sem ela.

Nos momentos finais da aula, entregamos a tarefa de casa e desenvolvemos o jogo da memória com as profissões. A turma toda participou com curiosidade e entusiasmo. Depois, ficaram livres com os brinquedos de montagem.

Terminado esse momento, organizaram todo o material preparando-se para a volta para casa.

Quando os pais vieram pegar os filhos na porta da sala, entendemos como é valioso e gratificante a tarefa de ensinar. Para Pimenta e Lima:

O processo educativo é mais amplo, complexo, e inclui situações específicas de treino, mas não pode ser reduzido a este. Parece-nos que, em um certo nível, é possível falar em domínio de determinadas técnicas, instrumentos e recursos para o desenvolvimento de determinadas habilidades em situação. (PIMENTA e LIMA, 2004, p. 38).

Todas as atividades desenvolvidas na sala de aula, proporcionadas aos alunos, passaram por um processo de elaboração envolvendo os teóricos, metodologias pedagógicas e atitudes didáticas na utilização dos recursos.

Processo de aprendizagem

A turma do infantil II passa pelo momento de pré-alfabetização. Observamos as tentativas da professora colaboradora de ensiná-los a tirar do quadro palavras e também de se adaptarem a série (ano) seguinte.

Os alunos não apresentam nenhum problema de indisciplina, desrespeito. Mostraram-se muito interessados e unidos. Percebemos que o trabalho em grupo é bastante desenvolvido, fazendo compreender a importância do respeito aos colegas.

As dificuldades que a turma enfrentava no momento da regência estavam ligadas ao processo de reconhecimento de algumas letras e números. Acontecia muita confusão. Eles falavam os números ao invés das letras, como por exemplo, trocavam o “3” por “E”. Acompanhamos também a dificuldade da turma em relação à aprendizagem de letras espelhadas, como o “R”, que era escrito ao contrário, dentre outras letras. A professora colaboradora sempre orientava a não fazer nada tracejado, porém mostrava aos alunos a maneira certa e os desafiava a fazer olhando um exemplo. Para Vigotski:

Há um momento crítico na passagem dos simples rabiscos para o uso de grafias como sinais que representam ou significam algo. Há uma concordância entre todos os psicólogos em que a criança deve descobrir que os traços feitos por ela podem significar algo. (VIGOTSKI, 2007, p. 136).

O problema que exigia uma atenção e preocupação maior estava num aluno que ainda não conseguia desenvolver perfeitamente a coordenação motora, e não conseguia fazer nenhuma letra, nem vogal, apenas garatujas. Com ele a professora pensava nas atividades com um esforço maior, para desenvolver uma aprendizagem significativa. Muitas atividades tinham um papel absolutamente de fazê-lo entender e se interessar pela escrita. Segundo a professora colaboradora, o processo de aprendizagem desse aluno é acompanhado pela direção e os resultados, aos poucos, estão sendo satisfatórios.

A relação da escola com os pais deve ser de união para que trabalhem todas as possibilidades da criança no processo ensino-aprendizagem. A participação dos pais é um dos elementos fundamentais para fortalecer os conhecimentos do aluno. Na UEI muitos pais acompanhavam seus filhos na entrada até a porta da sala de aula, perguntavam a professora sobre o comportamento dos mesmos, conversavam sobre as crianças. Outros pais, no entanto, eram totalmente alheios à vida escolar dos filhos: os deveres de casa voltavam em branco e às vezes nem voltavam. Para Caetano:

A escola portanto também necessita dessa relação de cooperação com a família, pois os professores precisam conhecer as dinâmicas internas e o universo sócio-cultural vivenciados pelos seus alunos, para que possam respeitá-los, compreendê-los e tenham condições de intervirem no providenciar de um desenvolvimento nas expressões de sucesso e não de

fracasso diagnosticado. Precisam ainda, dessa relação de parceria para poderem também compartilhar com a família os aspectos de conduta do filho: aproveitamento escolar, qualidade na realização das tarefas, relacionamento com professores e colegas, atitudes, valores, respeito às regras. (CAETANO, 2011, p. 6).

Os problemas dos alunos em relação ao processo de aprendizagem são notados quando apresentam alterações de comportamento, como agressividade, indiferença aos colegas, falta de respeito, dentre outros.

No entanto, esse comportamento agressivo não é privilégio apenas dessa classe social, existem escolas de classe alta com pais altamente letrados e que também apresentam alunos com alterações nos comportamento, e muitos deles é a agressividade. Muitas podem ser as causas para a presença dessas alterações, como por exemplo, a falta de comunicação, ausência dos pais, carência, programas de televisão agressivos, vídeo-games, exploração sexual, medo, baixa autoestima, uso incorreto do computador. Infimos problemas são transferidos pela sociedade externa à escola.

A instituição escolar é a grande responsável em cobrar a presença e participação dos pais nas rotinas. Os pais devem estar bem perto das crianças, pois isso é essencial nessa idade, na qual elas estão em formação e o seu mundo limita-se somente à família e a escola.

Todos os momentos da UEI devem estar à disposição da comunidade. O projeto pedagógico é um dos elementos que os pais devem conhecer, bem como as atividades que os filhos fazem na sala de aula, configurando uma participação ativa e de cooperação com a escola. Paniagua e Palácios ressaltam:

Uma educação infantil de qualidade, com incidência real no desenvolvimento atual e futuro das crianças, supõem dar muita importância ao trabalho com famílias, mediante proposições reflexivas e fundamentadas que contribuam para que os pais e as mães sintam-se competentes, para que tenham acesso ao conhecimento atual sobre a evolução e a educação de seus filhos pequenos e para que desenvolvam expectativas positivas em relação às suas crianças e ao mundo educativo. (PANIAGUA e PALACIOS, 2007. p. 24).

Na maioria das instituições educacionais brasileiras, a participação da comunidade e dos pais é limitada, como acontece, por exemplo, nas reuniões ou feiras de ciências abertas ao público, quando há um limite de tempo determinado. É também muito comum pais que dizem não ter tempo disponível para participar da vida escolar dos filhos. Muitos simplesmente deixam as crianças na escola e vão para o trabalho.

A escola precisa formar e educar as famílias para se envolver com os projetos das creches, estabelecendo uma maior interação em razão o desenvolvimentos das próprias crianças.

Diversidade: inclusão na escola e na sala de aula

Atualmente muitas leis garantem o acesso de crianças com necessidades especiais nas escolas regulares, como uma forma inicial de inclusão na sociedade. A Constituição Federal no artigo 208 garante: “O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público e subjetivo.” (BRASIL, 2001. p. 10). As crianças com qualquer tipo de deficiência física são iguais perante a lei no seu direito de frequentar a escola e o ensino de conteúdo, dos quais não tinham direito no ensino especializado. Essa é uma nova realidade na qual as escolas estão se adaptando, juntamente com professores e alunos.

Na UEI constatou-se a presença de uma aluna com deficiência motora na sala Infantil II; mesmo afirmando no Projeto Político Pedagógico – PPP que a escola não está adequada para receber crianças com deficiência, observamos que a escola tem uma rampa na entrada, em contraposição os banheiros são pequenos e não tem adaptação e em nenhum lugar da instituição tem corrimão. Todavia, a estrutura física não tem impedido a escola de receber e trabalhar com essas crianças. Diante dessa situação percebemos o quanto é difícil a realidade brasileira, pois as leis existem, no entanto, não temos ainda condições suficientes para proporcionar educação de qualidade às crianças com necessidades educacionais.

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (BRASIL, 2001, p. 69)

O papel da escola é fundamental no combate ao preconceito. A diversidade deve ser trabalhada todo dia, e o convívio cotidiano é uma das formas de trabalhar o comportamento de respeito à diversidade.

Para muitos pais a inclusão é um problema para os “filhos normais”, pois isso atrasará o desenvolvimento deles na aprendizagem, pois terão crianças com um ritmo intelectual diferente, porém todos têm potencial de desenvolver as habilidades e cabe ao educador incluir propostas nos planos de aula que atendam e possibilite a aprendizagem de todos.

Os recursos didáticos são bastante eficientes nessa tarefa de apropriação dos conteúdos curriculares.

Nessa UEI a professora colaboradora adaptou vários materiais usando a criatividade. O giz de cera, por exemplo, tornou-se mais resistente com fita gomada. A aluna com necessidades especiais podia usá-lo sem risco a saúde.

Educadores que ensinam crianças com necessidades especiais não devem estar despreparados. Devem buscar ajuda, pesquisar sobre a deficiência e achar estratégias para obter sucesso com a aprendizagem do aluno. Outro meio eficaz é conversar com a família sobre os avanços e tentativas de ajudá-la a superar os medos e limitações - uma estratégia observada com a professora colaboradora e a família da aluna citada anteriormente.

No processo de inclusão na sala de aula do infantil II, a professora colaboradora também propiciava condições de brincadeiras, conversas, músicas, solidariedade e respeito aos limites e diferenças de todos.

Conclusão

Esta experiência contribuiu para a construção da nossa vida profissional, observamos a prática de outros pedagogos, analisamos as suas ações e tiramos conclusões significativas de que todas as atitudes e ações realmente estão embasadas em teóricos, em estudos e pesquisas que hoje fazem uma grande diferença no ensino.

A disciplina de Estágio Supervisionado I é uma ponte entre a teoria e a prática fundamental para a formação do professor, a experiência de ensinar uma turma pela primeira vez é algo muito especial, mostrou a realidade que nos é dada de transmitir conteúdos da forma correta para que crianças se desenvolvam e compreendam.

Durante a elaboração desse artigo recebemos apoio e orientação da faculdade, dos professores da disciplina de estágio, da professora colaboradora, de toda a escola, dos pais dos alunos, da direção. Entretanto também surgiram dificuldades para trabalhar atividades com crianças na fase de pré-alfabetização, porém com a ajuda da professora colaboradora adquirimos conhecimentos e estratégias para trabalhar e ensiná-los nesse nível educacional. A escola contribuiu com recursos didáticos para o desenvolvimento das atividades, mostrando a vivência da escola, as rotinas, as deficiências, as modificações. A UEI realmente garantia um ambiente agradável e confortável para o

processo do conhecimento, oportunizando uma participação interpessoal entre professores, alunos, gestores e estagiários.

Referências

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretária de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**/ Secretaria de Educação Especial-MEC, SEESP, 2001.

LIBANEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática**. 5 ed. Goiânia: Alternativa, 2004. p. 119-133.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucema. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004 (Coleção Docência em formação. Série saberes pedagógicos).

PANIAGUA, Gema. PALACIOS. Jesús. **Educação Infantil: resposta educativa à diversidade**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 256.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CAETANO, Luciana Maria. **Relação escola e família: uma proposta de parceria**. Artigo. Disponível em:
http://www.seufuturonapratica.com.br/intellectus/_Arquivos/Jul_Dez_03/PDF/Luciana.pdf. Acesso em: 12 de outubro de 11.